

# **roda viva III**

**o encarnado nas veias**

**paulo-roberto andel**

**VILA  
REJO**

**2017**



# **roda viva III**

**o encarnado nas veias**

**paulo-roberto andel**

**VILA  
REJO**

**2017**

Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2017

Todos os direitos reservados

Coordenação editorial

Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, fotos, projeto gráfico e revisão

Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Arte capa e contracapa

Renato Martini

Vilarejo Metaeditora

[www.vilarejometaeditora.com.br](http://www.vilarejometaeditora.com.br)

Andel, Paulo-Roberto, 1968

Roda Viva – O Fluminense nas pequenas  
memórias do coração

Vilarejo Metaeditora, 2017

ISBN 978-85-919292-6-9

Proibida a reprodução total ou parcial desta  
obra sem prévia autorização

1ª Edição

2017

## O RAIOS QUE CAIU DUAS VEZES NO MESMO LUGAR

2017

Dez em cada dez tricolores apontam o mitológico gol no último segundo do Fla x Flu de 1983 como uma das *madeleines* tricolores, um dos nossos momentos de maior apoteose na história do clube, com toda justiça. Os segundos geniais entre o lançamento de Deley, a corrida de Assis pela direita, a entrada na área e o toque curto na saída de Raul Plassmann são uma página eterna da história do Fluminense, e têm sido reprisados na TV ou visualizados no YouTube por milhões de maníacos. E Assis, que já era adorado pela nossa torcida, passou à condição de ídolo permanente, reforçada pelo bicampeonato em 1984, também com um gol dele, marcando numa cabeçada espetacular e vencendo o arrogante goleiro argentino Ubaldo Fillol.

Embora o gol emocionante de 1983 não tivesse garantido o título tricolor naquele 12 de dezembro, eliminou de vez o rival rubro-negro da disputa. Três dias depois, ao vencer o Bangu por 2 a 0, o Flamengo assegurou de vez a conquista do Fluminense, com os jogadores tricolores

comemorando o título na Tribuna de Honra. Naquele ano a decisão foi realizada num triangular: no primeiro jogo, o Flu empatou em 1 a 1 com o Bangu; depois veio o Fla-Flu mágico de Assis e a terceira partida, mencionada neste parágrafo.

O que pouca gente sabe é que pouco mais de um ano antes, o Fluminense vencera o Flamengo também com um gol no último lance da partida, válida pela oitava rodada do segundo turno do Campeonato Carioca de 1982. Pouquíssima gente no estádio, se levarmos em conta a época: pouco mais de 20 mil pessoas. E o Flu, depois de quase ter ido às semifinais do Campeonato Brasileiro no primeiro semestre, fazia uma campanha regional abaixo do esperado, mas Fla-Flu é sempre Fla-Flu e, embora o jogo tenha sido morno na maior parte do tempo, teve duas expulsões (o centroavante Ronaldo pelos rubro-negros e o zagueiro Heraldo pelo Tricolor), boas disputas (o Flu acertou uma bola no travessão com Zezé Gomes) e, embora o então todo poderoso Flamengo estivesse obcecado pelos jogos que faria em seguida pela Copa Libertadores, contava com boa parte de seu time titular em campo, casos de jogadores como Marinho, Júnior, Lico, Tita e, estranhamente para a vista dos tricolores,

o ponta-esquerda Zezé (ídolo formado nas Laranjeiras e campeão em 1980). Poupano parte do time, o Fla colocou Andrade em campo na segunda etapa, justamente no lugar de Zezé, que teve uma atuação abaixo da crítica (para nossa sorte). Mas o Flu também sofreu: na ocasião estreou o glorioso ponta-esquerda Fanta, que não acertou absolutamente nada e levou a torcida à loucura, até ser substituído pelo experiente zagueiro Tadeu (que logo iria para o time do Fortaleza).

Idas e vindas, boas defesas de Paulo Victor (que lutava para se firmar como titular do clube), as respostas tricolores contra o gol de Cantarele, mas o jogo não emplacava e tinha toda a pinta de empate. Só que tudo mudou nos últimos segundos da partida: o Flamengo tinha um escanteio pela direita, mas preferiu a cobrança curta entre Adílio e Vítor, então a bola sobrou para Júnior e este concluiu para uma defesa tranquila do goleiro tricolor, com sua camisa cinza e branca. Antenado, Paulo Victor apostou em um chutão para a frente e deu certo: quando a bola quicou bem no meio de campo, enganou Andrade - justamente um dos jogadores mais técnicos de seu tempo -, com o volante escorregando e caindo no gramado. Amauri, o criticado centroavante

tricolor que recebera a ingrata missão de substituir ninguém menos do que o negociado Cláudio Adão, matou a bola no peito na intermediária, avançou livre e bateu com categoria no canto direito de Cantarele, rasteiro, aos 46 minutos do segundo tempo. Não dava tempo para mais nada: logo após a saída de bola, o árbitro Elson Pessoa encerrou a partida.

O Fluminense saiu com a satisfação de vencer o clássico imortal, mas não disputaria o título daquele ano – na rodada seguinte, já levaria uma chinelada de 3 a 0 do Campo Grande em pleno Maracanã. Contudo, além de ter o prazer em derrotar o rival, viveu uma espécie de prenúncio testemunhado por poucos: quem poderia imaginar que, um ano depois, o Flu venceria novamente o Fla na última jogada no gramado e, a seguir, escreveria anos de glória de um dos melhores times de sua história? Ninguém. Vejam a nossa escalação: Paulo Victor, Aldo, Maurão, Heraldo e Careca; Rubens Galaxe, Jandir (Alexandre) e Zezé Gomes; Robertinho, Amauri e Fanta (Tadeu), mais o treinador Paulinho de Almeida. Deste time inteiro, apenas Paulo Victor, Aldo e Jandir teriam o prazer e a honra de pertencerem ao grande Fluminense de

1983-1984-1985, com o time se esticando até meados da década de 1980.

No ano seguinte, os três viram o raio cair duas vezes no mesmo lugar, e com o bônus de uma conquista inesquecível.

## MOCIDADE INDEPENDENTE 1980

2017

Definitivamente, a fase não era das melhores. Em fins dos anos 1970, o Fluminense sem títulos por três anos era uma coisa insustentável. E gente apregoando que o futuro do clube não deveria prever o futebol em suas fileiras. Dívidas. Dureza. O jeito era apelar para as divisões de base, do goleiro ao ponta-esquerda, salvo raríssimas exceções.

O meia Gilberto, base do Botafogo que havia se transferido para o Atlético Goianiense, mais o centroavante Cláudio Adão – o maior que vi jogar -, jogador de enorme talento, mas no ocaso: havia sido dispensado do Flamengo, emprestado ao Botafogo e devolvido rapidamente à Gávea, que o liberou pelo passe de pouco mais de um mês do seu salário, uma ninharia.

O resto era casa. Paulinho, ou Paulo Goulart, com cara de garoto e bigode de veterano, tinha sido criado com Renato e Wendell. Edevaldo na lateral direita substituíra Miranda, o “Trésor Brasileiro”. O jovem Tadeu ocupava a vaga de Moisés, ao lado de Edinho, que já era um veterano aos 25 anos de idade, líder do time. Na

lateral, o eterno – e valoroso – Rubens Galaxe.

Um meio de campo de meninos: Deley na cabeça de área, substituindo o negociado Givanildo; Gilberto, contratado, e Mário, o jovem camisa 10 de talento na canhota e chute fortíssimo.

Nas pontas, dois garotos: Robertinho, artilheiro da base, caiu para a direita com a chegada de Adão, e Zezé, arisco e técnico.

Saldo: nove pratas da casa e dois contratados.

Começamos com duas vitórias simples e humildes, 2 a 0 sobre o Bonsucesso e 3 a 2 sobre o Serrano – o mesmo time que nos daria uma alegria enorme perto do fim da competição.

Éramos a zebra. O Flamengo tinha um timaço, o Vasco era cheio de craques – inclusive Pintinho, que havia saído das Laranjeiras – e o Botafogo, mesmo com a sina dos anos sem títulos, tinha jogadores como Paulo Sérgio, Mendonça e Marcelo, hoje treinador. Aí veio o terceiro jogo contra o time de General Severiano, estávamos engasgados com os 4 a 0 sofridos no ano anterior e devolvemos a

goleada com classe: Adão fez chover, Robertinho e Zezé foram dois azougues, Deley despontou como maestro e Edinho foi Edinho – o que já bastava. A vitória arrebatadora decolou o jovem time do Fluminense para a final do primeiro turno, onde bateria o Vasco por 4 a 1 nos pênaltis, na consagração de Paulo Goulart. Zagallo, que saíra da direção do Fluminense para São Januário porque “queria ser campeão”, amargou a derrota no banco de reservas. Antes disso, já havíamos vencido os vascaínos por 2 a 1 de virada na competição, com gols de Gilberto e Robertinho.

Garantido na final, o Flu fez um segundo turno fraco, sexto colocado entre dez clubes. Todos apostavam no Flamengo, eterno favorito da imprensa, até que São Anapolina deu um choque de realidade e lá foram o Tricolor e o Cruz-Maltino para uma grande decisão diante de quase 110 mil pessoas, numa tarde de domingo chuvosa. O Vasco insistia em parecer favorito, mas o jovem time do Flu parecia uma legião de talentos experientes. Aos 22 minutos do segundo tempo, Edinho cobrou uma falta na diagonal da esquerda, no bico da área; chutou forte, Mazzaropi tentou defender, ela bateu na trave e entrou. O Rio de Janeiro virou um mar de

pó de arroz em plena chuva, enquanto a mocidade independente do Flu enquadrava Orlando Lelé, Marco Antônio, Catinha, Roberto Dinamite e Wilsinho. Uma vitória de placar magro, de padrão tricolor, uma homenagem a Cartola, que morrera naquele mesmo dia.

A verdade é que tínhamos um timaço que duraria pouco tempo, mas não era somente isso. Éramos mais unidos aos domingos. A torcida do Fluminense era um só canto e abraço, muito diferente dos milicianos da opinião na internet em 2017. Éramos um show de mãos espalmadas. Na beira do campo, a serenidade do treinador Nelsinho era um bálsamo, e nos bastidores a mão de Newton Graúna foi impecável. Naquele tempo ninguém deixava para trás Flamengo e Vasco se não tivesse muita qualidade.

Desde então, nunca mais fomos campeões com um time que tivesse a nossa 'cara' da base, das preliminares das três da tarde no Maracanã.

## INVASÃO CORINTIANA EM 1976

2015-2017

### I

Acabei de voltar do Centro Cultural da Justiça Federal, onde assisti o documentário "Invasão Corinthiana", exibido na prorrogação do Cinefoot.

Dirigido por Ricardo Aidar e Alexandre Boechat, o filme faz pensar.

Há alguns poucos torcedores que insistem em diminuir o tamanho e o papel da Máquina Tricolor na história do Fluminense, geralmente pela explicação mofada de que a grande equipe venceu "apenas" dois campeonatos cariocas. Um erro crasso de avaliação: naquele tempo, o Cariocão era a melhor e mais badalada competição do país. Os times davam de ombros para a Libertadores e o Brasileiro ficava em segundo plano.

A Máquina é o time mais emblemático de toda a história do Fluminense. Não é o maior vencedor e nem precisou para ser, aí sim o maior de todos.

É curioso pensar que um dos jogos mais falados em todos os tempos no país

não tenha sido uma decisão de título, e dele não tenha saído um futuro campeão.

Guardadas as paixões, o documentário é uma aula de respeito ao Flu. Os depoimentos de vários corintianos na tela não deixam dúvidas: o Timão só conseguiu ganhar a vaga para a final do Brasileirão de 1976 nos pênaltis porque foi beneficiado pela chuva, melhor dizendo, a tempestade que se abateu sobre o Rio de Janeiro naquele 05 de dezembro, tornado o gramado do Maracanã uma piscina, impraticável para se jogar bola e, por isso, impedindo o jogo espetacular da Máquina. Ah, e embora o filme não mostre, o Tricolor ainda perdeu um gol inacreditável com Pintinho, no último lance da prorrogação.

Outra coisa bacana foi ver no filme o total respeito entre corintianos e tricolores. Os paulistas vieram em mil ônibus, cem aviões, dividiram o Maracanã e, antes disso, fizeram da zona sul da cidade a piscina oceânica da Fiel. Não houve uma única ocorrência de briga, um único entrevero antes, durante e depois do jogo, mesmo se sabendo que a torcida do Parque São Jorge recebeu significativa engorda em suas fileiras, derivada da presença maciça de botafoguenses, cruz-maltinos e rubro-negros. Pode-se dizer

que, neste jogo, foi criado o conceito de “torcida arco-íris”, quando três dos quatro grandes rivais no Rio de Janeiro apoiam um time de fora da cidade contra o quarto.

Francisco Horta, o mais emblemático presidente da história do Fluminense, sabia das coisas: nós não colocaríamos 180 mil tricolores sozinhos no estádio. Naquele tempo, a renda das partidas era a única fonte de sustento dos clubes - e o Flu tinha um elenco caríssimo, além de dívidas. O presidente viu na grande semifinal a chance de recheiar os combalidos cofres do clube. Rei do marketing, foi a um programa de TV em São Paulo ao lado do presidente corintiano Vicente Matheus, desafiou a Fiel, provocou, brincou e foi o responsável pelo maior êxodo de torcedores de um clube para assistir a uma partida em todos os tempos - 50, 70 ou 80 mil alvinegros, também reforçados em pesos pelos torcedores dos nossos rivais cariocas. Ninguém esperava aquilo, nem os próprios invasores paulistas, ainda que houvesse um grande apelo pelos então 22 anos do Timão sem títulos.

A grande saga entre Fluminense e Corinthians havia começado quase dois anos antes, quando o Tricolor começou a montar a Máquina e contratou ninguém

menos do que Rivellino, o camisa 10 da Seleção e então em destaque no Parque São Jorge. A estreia do craque foi no sábado de Carnaval de 1975, com mais de 100 mil pessoas no Maracanã, num amistoso diante do próprio Corinthians. Rivellino fez chover e o Flu venceu por 4 a 1, o mesmo placar da disputa de pênaltis do ano seguinte, que colocaria o Timão na final do campeonato brasileiro, além de significar o fim do sonho da Máquina Tricolor - alguns jogadores ficariam até 1977 e 1978, mas já sem o mesmo brilho.

Oito anos depois da sofrida disputa nos tiros penais, os dois times voltaram a se enfrentar pelas semifinais do Brasileiro. O Corinthians tinha Sócrates, era campeão paulista e vinha de uma suprema goleada sobre o eliminado Flamengo por... 4 a 1. O Fluminense tinha uma nova Máquina nascendo, liderada pelo Carrasco Assis. À procura da partida perfeita, o Fluminense finalmente a encontrou: venceu o rival por 2 a 0 num Morumbi abarrotado, com uma atuação que até hoje é considerada das melhores do clube em mais de 115 anos. Ao contrário do Corinthians 1976, o Fluminense não hesitaria: empatou o jogo de volta em 0 a 0, ganhou o Vasco por 1 a 0 pelo primeiro jogo da final, empatou o segundo em 0 a 0

e comemorou o grande bicampeonato brasileiro.

Mais tarde, o Corinthians daria o tricolor eliminando o Flu da Copa do Brasil de 2009. Implacável, o Fluminense responderia com o tricampeonato brasileiro no ano seguinte - o do centenário alvinegro. Desde os 4 a 1 de Rivellino, já se foram 43 anos, mas a luta continua.

## II

### A LIRA DO DELÍRIO

Até 1975, o Fluminense era "apenas" o colonizador do futebol brasileiro. Campeão do mundo, do Brasil, do Rio, desafiando definições o Tricolor atravessou 73 anos escrevendo a história da maior paixão popular deste país. Mas ainda era pouco.

Durante dois anos, 1975 e 1976, a orquestra criada pelo maestro Francisco Horta, o eterno presidente, fez do Flu o time mais famoso do mundo: a Máquina Tricolor. Uma de suas façanhas foi simplesmente bater o Bayern, base da Alemanha bicampeã mundial em 1974, no Maracanã. Entre o sonho e a realidade, a Máquina ganhou corações e mentes

mundo afora. Basta uma única foto do time perfilado e todos sabem que ali está o maior Fluminense que se poderia sonhar.

Golear o Corinthians num sábado de Carnaval na estreia de Rivellino. Triturar os adversários no campeonato carioca, então o mais importante do Brasil. Esfarelar equipes estrangeiras e conquistar torneios internacionais. Vencer ou vencer, eis a questão. Um time que virou uma lenda: a Máquina talvez só seja comparável em seu tempo à magnífica Holanda de Crujff, Neeskens e companhia.

Monstros como Rivellino, Doval, Carlos Alberto Torres e Paulo César Lima. Jovens craques como Edinho, Pintinho e Cléber. Tome Gil, Dirceu, Rodrigues Neto, Mário Sérgio, Manfrini e toda a turma. Dois anos de poesia nos gramados.

Tudo começou há 40 anos com a genialidade e o carisma inigualáveis do eterno presidente do Fluminense, Francisco Horta. Parece que foi ontem. O sonho não acabou: virou eternidade.

*Publicado originalmente no catálogo do CINEFOOT 2015 – Festival de Cinema de Futebol.*

## SWEET FERNANDA

2017

Há mais ou menos dez anos, mais precisamente onze, ano de 2006, eu começava as entrevistas para um livro que, por diversos motivos, ainda se encontra inédito. Basicamente, uma coletânea de depoimentos tricolores de arrepiar, numa amostra de craques, artistas, personalidades, gente que tinha destaque à época e hoje também, das mais diversas áreas, idades etc. Alguns deles são para se rir ou chorar muito pela emoção, outros somente eu tenho – ao lado de outros três coautores que estão na mesma empreitada.

Uma das mais legais que fiz com a jovem atriz – e tricolorzaça - Fernanda Rodrigues. Ela me recebeu num simpático prédio onde morava sua avó, no Leblon, com uma enorme área livre na portaria antes de se chegar aos elevadores.

De cara, já deu para perceber o quanto a atriz era simpática e respeitosa: ao sair do elevador, ela foi em direção ao funcionário da portaria, um senhor de idade, deu-lhe um beijo na testa e disse “Bom dia, tio”.

Uma simpatia a Fernanda. Ficamos então conversando por aproximadamente duas horas. Ela contou da alegria de ser tricolor, da emoção que sentiu ao ser festejada quando o Fluminense foi campeão carioca em 2002 na final contra o Americano, com a torcida gritando seu nome, do início de sua paixão tricolor ao lado da avó, que escutava os jogos no rádio. E também a explicação para seu mergulho de vez nas arquibancadas, na época de colégio: havia um colega seu de classe que era o *gallant* da turma – as garotas eram loucas por ele, o rapaz tinha ares de rebeldia e nunca ia para as aulas devidamente uniformizado, mas sim com a camisa tricolor, sendo regulamente suspenso. A admiração da adolescência e a coincidência do Fluminense incluíram Fernanda no *fan club* do jovem, mas não deu em nada: “Ele nem me dava bola, tinha um monte de meninas aos pés dele (risos)”. Um desperdício.

Ao nos despedirmos, só lamentei: poderíamos ter ficado a conversar por mais umas seis ou oito horas, tão agradável e simpática era a sua prosa.

Mais de uma década depois, a jovem e bela atriz continua em plena atividade, depois de quase três décadas de carreira – sua primeira novela foi “Vamp”,

em 1989, aos onze anos de idade. De lá para cá, já fez cinema, teatro, foi apresentadora e, em paralelo, uma excelente mãe. É ou não é um paradigma perfeito da mulher tricolor?

## ANOS DE LUTA

2017

Com o passar do tempo, determinados descuidos tendem a levar ao desentendimento sobre certos fatos e épocas. No futebol, um tema que trata de muita paixão, às vezes a memória seletiva acaba agindo mais do que devia e pronto: o chavão de um momento passa a ser perpétuo, até que argumentos e lógica acabem contestando-o.

No caso do Fluminense, há um equívoco que se encaixa nesta questão. É o caso do período de tempo compreendido entre os anos de 1986 e 1994, onde o Tricolor não conseguiu títulos estaduais nem nacionais, o maior intervalo sem grandes conquistas na era profissional do clube. Naquele tempo não havia a badalação internacionalizante de hoje, mas o Flu disputou a Copa Conmebol (por critério técnico) nos anos de 1992 e 1993. Muitos desavisados dizem que esta época é motivo de vergonha para os tricolores, o que conta com a franca oposição deste escritor.

Se as gestões do clube deixaram a desejar, especialmente no desmonte do

grande time tricampeão em 1983-84-85 e na falta de ambição numa época de recursos escassos, forçando o Fluminense a ter mais jogadores desconhecidos, é bom que se diga: chamar essa época de vergonhosa é, no mínimo, um desconhecimento sobre a história do mitológico time das Laranjeiras.

Vejamos: em 1988 e 1991, o Fluminense chegou às semifinais do Campeonato Brasileiro. Na primeira, foi eliminado pelo excelente time do Bahia, que acabaria como campeão daquele ano. Antes, o Flu tinha deixado pelo caminho outra potência, desclassificando o poderosíssimo Vasco num clássico dos mais eletrizantes da história do Maracanã: 2 a 1 para os cruz-maltinos no tempo normal, a prorrogação e a vitória tricolor por 2 a 0 no tempo extra, com direito a um golaço por cobertura de Washington. Em 1991, fomos eliminados pelo Bragantino num regulamento que beirava o inacreditável: ao perdermos em casa a primeira partida por 1 a 0, gol de Franklin, o jogo de volta nada valia mesmo que vencêssemos por 50 a 0. Jogamos para cumprir tabela, deu empate.

Em 1990, 1991 e 1993, o Fluminense esteve presente nas finais do Campeonato Carioca, ao vencer

respectivamente a Taça Rio e duas Taças Guanabara, ambas com times modestos, mas muito aguerridos, comandados pelo treinador Edinho. Sem chororôs, é fundamental lembrar que nos dois últimos casos, as partidas finais dos respectivos campeonatos foram bastante conturbadas. Em 1991, o Flu jogou boa parte do segundo tempo da decisão contra o Flamengo tendo apenas nove jogadores em campo. Em 1993, na partida final o Vasco jogava pelo empate; apesar de ter perdido um pênalti com Bismark na primeira etapa, optou na segunda pela catimba com inúmeras paralisações do jogo, que mal teve prosseguimento e, claro, sem os devidos descontos.

No ano de 1994, o Fluminense chegou à última partida do quadrangular final podendo ser campeão, caso vencesse o Vasco – se houvesse empate, o campeão seria o Flamengo. Logo no começo do jogo, o Flu conseguiu a façanha de não sofrer um gol de pênalti, defendido por Ricardo Cruz, mas logo em seguida sofreu 1 a 0 com Jardel, para mais tarde tomar o segundo gol e perder o título. Nesta ocasião não houve interferências da arbitragem: a derrota pode ser creditada à apatia do time tricolor em campo na

decisão, bem diferente de partidas anteriores.

Voltando dois anos, a partida que pode ter custado outros quinze ao Fluminense: a final da Copa do Brasil de 1992. Certamente uma das decisões mais conturbadas da história do futebol brasileiro. O Flu venceu a primeira partida daquela decisão, disputada no apaixonante Estádio das Laranjeiras, por 2 a 1, gols de Super Ézio e Wagner, descontando Caíco. A volta foi no abarrotado Beira-Rio, com o Inter pressionado a todo vapor e o Flu se defendendo heroicamente para garantir o título, até que no fim do jogo o árbitro José Aparecido inventou um pênalti extraterrestre do zagueiro Souza em Maurício (o mesmo ponta-direita campeão pelo Botafogo em 1989). Depois de muita confusão, Célio Silva marcou 1 a 0. O Fluminense perdeu a Copa do Brasil e a vaga na Libertadores por causa de uma arbitragem picareta.

Não há tricolor que quisesse ver nosso time passar nove anos sem títulos (descontadas novamente a Taça Rio e as duas Taças Guanabara, que muitos clubes costumam comemorar a valer). Agora, creditar ao período a pecha de vergonhoso é um equívoco evidente. O Fluminense

participou de duas competições internacionais, decidiu uma nacional – que só perdeu no apito -, chegou às semifinais de duas outras nacionais e decidiu três títulos cariocas. Entre 1986 e 1994, ganhou grandes jogos, cumpriu jornadas dignas e só não deu ao menos uma volta olímpica pela mistura de azar com as arbitragens indevidas. Não foi campeão, mas brigou até o fim e bateu de frente com grandes rivais.

Naquele tempo, o time do Flu redescobriu o prazer de voltar a jogar deliciosas partidas nas Laranjeiras, eliminou no mata-mata um dos grandes times da história do Vasco, aplicou os históricos 7 a 1 no Botafogo e também ganhou do Alvinegro a famosa “disputa de pênaltis” em 1988. Voltou a ter o ídolo Edinho como quarto-zagueiro, e depois teve uma grande dupla de zaga, com Valber e Torres. Abrigou craques como Bobô e Luiz Henrique, este infelizmente por pouco tempo devido às contusões. Depois de ter retornado ao clube, Branco saiu do Flu diretamente para os Estados Unidos, onde foi decisivo para a conquista do tetracampeonato mundial da Seleção Brasileira. Jandir, símbolo dos tricampeões dos anos 1980, voltou ao clube. Paulinho, o herói do título de 1985,

também. Foi treinado por feras como Nelsinho (Rosa), Telê Santana, Evaristo de Macedo e Pinheiro. Apesar de uma época de pouco dinheiro, poucos craques e a escrita das voltas olímpicas, as coisas eram mais leves, a torcida era infinitamente mais unida e até mesmo uma brincadeira jocosa acabou gravada para sempre: os gritos de “I-ta-berá!” quando o folclórico lateral-direito entrava em campo ou disputava alguma jogada. A autoestima tricolor era tamanha que na decisão de 1994 estreamos um dos maiores bandeirões do Brasil, reprodução exata da bandeira oficial do Fluminense. Não gritávamos por candidatos eleitos ou derrotados à presidência do clube, mas por um só escudo, todo nosso.

Não foram anos de vergonha, mas sim de muita luta. E a escrita terminaria em 1995, com o maior gol de todos os tempos, no jogo *idem*.

## OS DEZESSETE MINUTOS DE GALA DE PARRARO

2017

Ele jogou 14 partidas pelo clube, das quais oito como titular. Ficou no Fluminense apenas oito meses e marcou três gols com a camisa tricolor, todos numa única partida – mas que partida! Como no futebol um fato marca mais do que qualquer passagem ou duração do tempo, qualquer torcedor tricolor perto dos cinquenta anos de idade já ouviu falar em Parraro.

Seu nome de nascimento é Edson Fernando Coltri. Nasceu em 23 de janeiro de 1957, começando sua carreira no Noroeste de Bauru, sua cidade natal. Chegou ao Fluminense em setembro de 1979. Depois de uma bem-sucedida temporada no time paranaense do Matsubara, famoso à época por revelar talentos, Parraro veio para as Laranjeiras por empréstimo e provavelmente fez uma das melhores estreias de um camisa 9 no clube: num sábado à tarde no Maracanã, comandou o time tricolor numa goleada por 5 a 0 sobre o Bangu, marcando três gols – sendo o primeiro deles antológico, uma obra-prima aos 41 minutos do

primeiro tempo, ao driblar meio mundo na defesa banguense e também o experiente goleiro Jair Bragança. O Fluminense desceu para o intervalo com 2 a 0 no marcador, já que Robertinho havia aberto a contagem aos 17 minutos.

E tome coincidência: na volta para o segundo tempo, Parraro acertou duas cabeçadas e emplacou 4 a 0 para o Flu, com gols aos quatro e 13 minutos. Entre o primeiro e o terceiro gols de Parraro, descontado o tempo de vestiário, foram transcorridos exatos 17 minutos. O jogo ainda teve outras emoções: Cléber teve um gol anulado, mas marcou o quinto, e Robertinho acertou uma bola no travessão. Haja coração! Apenas 5.571 torcedores pagaram ingresso para ver a goleada tricolor contra o rival de Moça Bonita, mas no dia seguinte, um domingo, o Rio de Janeiro inteiro falava de Parraro, imediatamente conduzido ao cargo de herói tricolor. O Flu vinha de outro 5 a 0 sobre o Goytacaz e, pela primeira vez depois do fim da Máquina, parecia ter bala na agulha para novos grandes voos. A vitória foi conquistada com a seguinte escalação: Paulo Goulart, Edevaldo, Ademilton, Edinho e Carlinhos; Pintinho, Cléber e Rubens Galaxe; Robertinho, Parraro (Mário) e Almir. Apesar da euforia

das Laranjeiras, o Jornal do Brasil recomendava cautela em sua matéria sobre a partida e na crônica de José Inácio Werneck.

*A piece de résistance* de Parraro foi o seu primeiro gol, lá pelo fim do primeiro tempo, mas eu ousaria dizer que ele o marcou, daquela forma tão festejada, antes de mais nada por ser lento no domínio da bola e, em segundo lugar, por jogar de cabeça baixa, sem ver as opções para o lance. Parraro deveria inicialmente ter feito a tabela com Cléber, mas, labutando com a bola, ficou por ali, empurrou Serjão sem que o juiz marcasse, fuçou de um lado, fuçou de outro, até que percebeu à sua frente um buraco dentro de uma defesa já por natureza esburacada, meteu-se por ele e fez o gol. Tudo sem levantar uma vez os olhos para ver o que se passava ao seu redor.

Desejo-lhe sucesso, mas sugiro que sejamos todos mais comedidos antes de consagrá-lo como craque.

Depois da estreia antológica, viria a prova de fogo: um Fla x Flu no Maracanã com mais de 100 mil pagantes. Parraro não fez gol, mas teve uma atuação de muita luta e foi o camisa 9 de uma das maiores vitórias do Fluminense nos últimos 40 anos, com direito pênalti

perdido de Zico, gol de placa de Cristóvão e a torcida tricolor em êxtase.

**Robertinho** — Ganhou de Júnior e mostrou muito entusiasmo. Foi várias vezes à linha de fundo e esteve para marcar em duas oportunidades, nas quais chutou de forma precipitada.

**Parraro** — Não teve condições de permanecer até o final, mas mostrou que é um ponta-de-lança de muitas virtudes. Lutou com entusiasmo e preocupou bastante a defesa adversária.

**Zezé** — Levou vantagem sobre Toninho teve participação nos principais ataques do Flamengo e só foi parado com faltas. Está em excelente forma e acabou sendo um dos destaques da partida.

**Gilcimar** — Entrou no final e ainda assim chegou várias vezes à linha de fundo, criando lances de perigo.

**Cristóvão** — Estava inteiramente perdido na partida, completamente fora de sintonia. Entretanto, na sua única jogada, mostrou categoria ao driblar Manguito e fez um bonito gol, quando faltavam apenas dois minutos.

No domingo seguinte, dia 22 de outubro de 1979, o canto do cisne. Incensado pela massa tricolor, respeitado até nos jornais que sempre o tripudiavam, o Fluminense disputou um novo clássico no Maracanã, contra o irregular time do Botafogo. Mas aconteceu que Mendonça, o camisa 10 alvinegro, fez chover, seu time jogou o fino e o Bota disparou 3 a 0 no Flu ainda no primeiro tempo, marcando o quarto gol na etapa final. Parraro também sairia machucado. Era o fim. Ele ainda entraria em campo mais cinco vezes, ficaria no banco em outras seis e então se despediria do Fluminense, dispensado pelo treinador Zagallo (que também teria curta

passagem no clube por opção própria: iria para o Vasco, alegando que “queria ser campeão”).

Depois, Parraro jogaria em outras equipes como Rio Branco do Espírito Santo, Brasil de Pelotas, União Bandeirante do Paraná e Coritiba. E uma passagem de dois anos pelo futebol mexicano, jogando no Puebla ao lado de Muricy (Ramalho), treinador que seria campeão brasileiro pelo Tricolor em 2010. Na volta ao Brasil, atuou pelo Taubaté e ainda encontraria outro Fluminense em sua vida, o de Feira de Santana, até encerrar a carreira precocemente, aos 29 anos de idade.

Aí está a magia do futebol: uma única partida para cinco mil pessoas pode marcar o nome de um jogador para sempre. Os cinquentões tricolores suspiram: “Ah, aquele golaço do Parraro...”.

## **Parraro, 3 gols e um futebol em julgamento**

O jogo ainda estava 1 a 0. Aos 40 minutos, ele recebeu fora da área, driblou dois adversários e saiu pela esquerda, parando repentinamente, pisando na bola e, para pasmo geral, resolvendo fazer o caminho de volta, o mais difícil. Foi novamente atacado pelos dois inimigos batidos anteriormente, atrapalhou-se, permitindo que a bola lhe escapasse do controle e fosse na direção do goleiro. Mas ele não desistiu, e num pique surpreendentemente veloz, chegou antes, cortou o sobressaltado goleiro e entrou pelas redes com ares triunfantes.

Faria mais dois gols, ambos de cabeça, antes de deixar o campo sentindo dores nas pernas. Parraro, paulista de nascimento, ex-juvenil rejeitado do Fluminense, jogador do Matsubara, do Paraná, centroavante emprestado e pouco acreditado até a estreia de ontem, no Maracanã.

Fisicamente, é um pouco mais franzino que Nunes, a quem substituiu. Técnica-

mente, dividiu as opiniões dos observadores e da torcida. Alguns a jurar que se trata de um goleador por vocação, outros a garantir que seu futebol é árido, sem um mínimo de requinte que difere o craque do jogador comum.

E em meio às dúvidas, havia uma opinião em comum: Parraro tem raça, espírito de luta, senso de oportunismo, tipo do jogador para quem não existem bolas perdidas ou lances vencidos.

Recentemente, num amistoso em Poços de Caldas, ele só faltou implorar uma chance ao treinador, garantindo que se entrasse no time, só sairia por contusão. Jogou meio tempo, mais tarde, em outro amistoso, contra o Serrano, nervoso e sem tempo para exibir o futebol prometido.

Ontem, pisando pela primeira vez no Maracanã, deixou três gols e uma indagação: é bom mesmo ou tudo não passou de obra do acaso?

## UMA TARDE COM SARACENI

2009-2017

Outra entrevista.

Era um sábado de sol e chegamos perto do horário do almoço, eu, Alvaro Doria e Rita Sussekind para uma das nossas grandes missões: registrar o depoimento de um dos orgulhos da torcida do Fluminense. Ninguém menos do que Paulo Cezar Saraceni, um dos maiores nomes do cinema nacional de todos os tempos, reconhecido mundo afora por ser uma das lideranças do Cinema Novo, ao lado de Glauber Rocha e craques como Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra e outros. É de Saraceni a frase “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, de acordo com as palavras do próprio Glauber.

À porta da casa, fomos gentilmente recebidos por sua esposa Anna Maria Nascimento e Silva, que nos colocou numa espécie de sala anexa à casa, sem parede, onde havia uma penca de livros. Minutos depois, apareceu o mestre, também com enorme simpatia e começamos a conversar, também sobre o Fluminense, mas muito sobre o seu talento e trajetória,

que naturalmente esbarram nas Laranjeiras, o que contarei mais tarde.

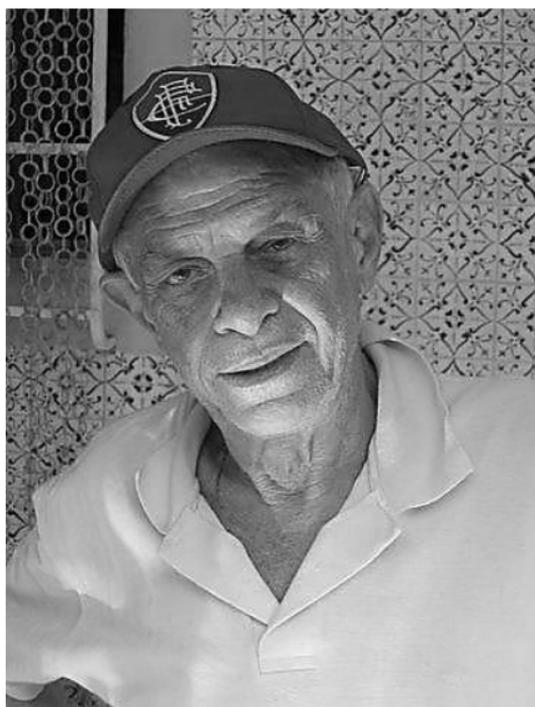
Ficamos lá por cerca de três horas, numa conversa inesquecível para mim. Fiquei muito orgulhoso com a surpresa e os elogios de Saraceni quando falamos de cinema: ele esperava uma conversa exclusivamente sobre futebol e provavelmente nunca tinha recebido jornalistas esportivos que lhe perguntassem sobre os nomes de Jean-Luc Godard, Marco Bellocchio ou Bernardo Bertolucci – os dois últimos, colegas de classe de Saraceni no Centro Experimental de Cinema de Roma, entre 1960 e 1960. Pareceu radiante quando comentamos da importância do Cinema Novo para se tentar entender o Brasil como ele realmente era - e é -, em vez dos pastiches surrealistas da TV.

Mas o forte da conversa tinha que ser Fluminense e não teve jeito: além de um apaixonado torcedor do Flu, Saraceni foi craque do clube nas divisões de base e acabou na Seleção Brasileira que disputaria as Olimpíadas de Helsinque, em 1952. À última hora, foi cortado por contusão e quem acabou ficando com a vaga foi o pernambucano Vavá (que seria o camisa 9 campeão do mundo na Suécia seis anos mais tarde).

Por causa dos cineclubes, Saraceni conheceu Octavio de Faria, dirigente tricolor e eminência intelectual do Rio de Janeiro, escritor e jornalista. Segundo Ruy Castro em seu famoso livro “Ela é carioca – Uma enciclopedia de Ipanema”, Octavio ficou positivamente surpreso ao saber que um jogador do seu time era um entendedor de cinema. Dividido entre a sétima arte e o gramado, Saraceni optou pelo cinema e abandonou a carreira de jogador. O futebol perdeu um craque, mas a arte ganhou um gênio e o Brasil, o inigualável Cinema Novo.

Perguntado sobre qual era a sua grande emoção quando o assunto era Fluminense, Saraceni vaticinou: “Eu era um garoto e vi o Fluminense campeão mundial ao mesmo tempo em que jogava, vi craques imortais como Castilho e Didi, vi Telê correndo por dez jogadores em campo. Mas o maior momento que vivi com o Fluminense foi quando marquei um golão de voleio pelos juvenis, na preliminar do jogo principal. A torcida gritou num urro, não sei explicar o que senti ao saber que meu time tinha feito um golão e eu, ali, não era só um torcedor privilegiado em campo, mas também o artilheiro.”

Em certo momento, pedi-lhe que buscasse algum souvenir para que tirássemos uma foto sua. Ele foi ao quarto e imediatamente pegou um boné. Bati a foto e, ao olhá-la tantos anos depois, não tenho dúvidas: foi um dos momentos culminantes da minha vida de repórter e escritor.



Só lamento não ter cumprido um dos pedidos de Saraceni: o de entrevistar pessoalmente seu grande amigo e parceiro profissional Mário Carneiro, o maior montador da história do cinema brasileiro, também baluarte do Cinema Novo e um tricolor absolutamente fanático. Ficamos

de fazer contato, o tempo passou e tempos depois o grande Mário faleceu. Mas independentemente de não ter acontecido a entrevista, Mário Carneiro é também uma página eterna do Fluminense e da cultura nacional: sua estreia no cinema foi com o curta "Arraial do Cabo" ao lado de Saraceni, posteriormente premiado em Cannes. A parceria de ambos seria repetida muitas outras vezes, como em "Porto das Caixas" (1961), "Capitu" (1968), "Natal da Portela" (1987), "A Casa Assassinada" (1973) e "O Viajante" (1999). E Mário também trabalhou com outro craque, Joaquim Pedro de Andrade, para quem fotografou "Garrincha, Alegria do Povo" (1962), "O Padre e a Moça" (1965) e o episódio "Couro de Gato" no longa coletivo "Cinco Vezes Favela" (1961) e mais outros trocentos filmes.

Ao deixarmos sua casa, Saraceni me disse: "Por favor, não se esqueçam do Mário". Eu não esqueci.

## NEGÓCIO DE LOUCO

2017

Em 40 anos de arquibancadas, já vi de tudo cercado o Fluminense: vitórias espetaculares, derrotas terríveis, abraços imortais, alegrias infinitas, tristezas lancinantes. Amizade e ódio, felicidade e tragédia. Com o tempo e a maturidade, é normal que você comece a ponderar mais, a viver os momentos divertidos e não pensar muito em coisas ruins porque, inevitavelmente, se tem cinquenta anos ou mais, está mais perto da morte do que do nascimento. Mas, pensando bem, será isso mesmo?

Outro dia mesmo eu comprei o meu primeiro botão de galalite e batizei de Robertinho. Era preciso um esforço mental enorme para olhar um botão azul e amarelo e só enxergá-lo como um autêntico tricolor: grená, verde e branco. Mas era meu tempo de criança e era mais fácil transformar a realidade em coisas belas.

Já adulto, um belo dia cismeiei que se fizesse uma figa, aquilo poderia ajudar o Fluminense a não sofrer gols. Foi algo em torno de 2001 ou 2001. Até aí,

nenhum problema, tirando o fato de que não possui religião ou crença. Não sei explicar ao certo, mas a figa me pareceu uma boa ideia e posso dizer que, quando lembro de fazê-la, é como se o Fluminense tivesse um zagueirão a mais, estilo Pinheiro, Edinho, Ricardo (Gomes) ou, para os mais novos, o monstruoso Thiago Silva. E por estatísticas rasteiras que já fiz, creio que 95% dos gols que o Flu tem levado no século XXI acontecem quando justamente esqueço a figa. Ela é um instrumento poderoso de preservação da integridade tricolor, sendo capaz de transformar Gum em Marius Trésor ou Renato Chaves em Franz Beckenbauer - tudo exclusivamente dentro das quatro linhas, é lógico.

Em certa época dos anos 1990, no velho e verdadeiro Maracanã, cismeí que era preciso apoiar o Fluminense em todos os setores do garboso estádio. Como ainda não inventaram uma maneira de se estar em vários lugares ao mesmo tempo, o jeito era revezar nas compras de ingressos: numa partida, geral; na outra, arquibancada; na outra, cadeira azul e assim ia. A regra também valia para jogos nas Laranjeiras: no canto de fundo, perto das sociais; atrás do gol; pertinho da entrada da Rua Pinheiro Machado; na

inesquecível arquivancada superior, maravilhosamente íngreme e o verdadeiro terror de qualquer pessoa que tenha vertigem e até mesmo na escadinha para se chegar ao placar.

Fui um excelente jogador de botão, sem falsa modéstia. Quando disputava os chamados campeonatos “sérios”, que desaguaram nas competições oficiais que se joga hoje no Rio e em todo o Brasil, um dos grandes campeonatos do Rio de Janeiro era disputado regularmente na Livraria Berinjela, que fica na espetacular galeria do subsolo do Edifício Marquês do Herval – com sua fachada “desabando” que é um dos marcos da cidade. Nunca gostei de treinar, mas jogava bem e era até cobrado pelos melhores atletas: “Você tem que treinar”. Mesmo dando uma de Romário do futebol de botão, ganhei dois campeonatos na Berinjela – toda a turma que hoje milita firme no esporte do dadinho passou por lá, alguns inclusive defendem o Fluminense. “Treinar? Eu vou é me garantir”. Botei o Ricardo Gomes de volante na primeira fase, passei invicto e a fase final era no sistema de mata-mata. Chegando à decisão, encarei meu amigo – tricolorzaço - Luiz Couceiro, intelectual consagrado e meu parceiro literário – naquela época a gente nem pensava em

escrever um livro juntos! Uma partida barra pesada, cheia de gols e sem chance para pensar: Luiz era um cracaço, dos mais velozes que já vi na mesa. Gol daqui, gol de lá, um a um, dois a dois, três a três, quatro a quatro, suor e sangue. A um minuto do final, Luiz acertou meu travessão e a bola sobrou na intermediária para o meu Deley. Não havia um Assis pela direita para repetir a jogada imortal de 1983, mas o Fluminense escreve certo por todas as linhas: na ponta-esquerda quem estava era o volante Ricardo Gomes. Duas ou três palhetadas depois, ele encobria o goleiro, o dadinho morria no ângulo esquerdo em diagonal e eu venci por mitológicos 5 a 4. Cá entre nós: Couceiro, Deley, Ricardo Gomes e eu, era muito Fluminense em campo!

Dia desses passei da conta. Uma tarde chata, fria, gris, sem nada para fazer e pouco ânimo diante de um Rio de Janeiro destruído. Liguei a TV em busca de algum show decente no Bis, ou algum filme maneiro no Canal Brasil. Nada. Então apelei e fui para o mosaico de jogos, mas era dia de semana, de férias e naturalmente não tinha nenhum jogo ao vivo. Acabei parando em algum canal que tinha o Fluminense jogando, na verdade o de Feira de Santana. Não tem Flu, vai Flu

mermo: comecei a torcer e me senti bem com a empolgação, só que olhei para o placar e já estava 3 a 1 para o adversário, cujo nome não me lembro porque o que interessava era o Fluzão. Droga! Resolvi ver o jogo por mais meia hora, em busca da reação do genérico tricolor, até que lembrei: aquela partida era uma reprise, diabos! Acréscimos do árbitro para o tempo de torcida, mas não deu: o Flu deles já tinha perdido uma semana antes. E não venha me dizer que isso é coisa de maluco, porque torcer pelo Fluminense na reprise depois de ter visto a vitória, empate ou derrota no Maracanã é algo absolutamente normal – e se tiver ganho, quero mais é ver o dobro de gols na repetição televisiva da partida.

Para fechar: tenho simpatia por todos os times brasileiros que possuam o sufixo “ense” em seus nomes. Exceto quando jogam contra o Fluzão ou suas vitórias possam nos prejudicar em alguma competição, empresto a eles todo o apoio, que pode dobrar ou triplicar se o sufixo dos seus adversários de ocasião for “engo”.

## OS GENIAIS ARTISTAS DA NOSSA ARQUIBANCADA

2017

Ontem, estava com a turma do Panorama Tricolor a saborear um chope dourado da felicidade no Serafim, boteco clássico do começo da Rua Alice, vizinho da Tasca do inesquecível Seu Edgar, um tricolorzaço. Voltando ao Serafim, na TV passava a premiação do Campeonato Brasileiro deste ano e pimba!, lá estava o nosso Douradão da Alegria, o verdadeiro artilheiro da competição, que só dividiu o título com Jô porque este fez um descarado gol de mão, fingindo não estar nem aí. Entre umas e outras, bolinhos espetaculares de feijoada.

À mesa, meu amigo e parceiro literário Neil Carlos Teixeira, que vem a ser o contrabaixista e vocal do Quarteto do Rio, superbanda formada por Leandro Freixo (piano e voz), Elói Vicente (violão e voz) e Fábio Luna (bateria e voz). Quem conhece o Quarteto sabe que ele é a continuação de um dos maiores orgulhos da nossa arte: o grupo Os Cariocas, lenda da MPB desde o ano de 1942, quando foi fundado por Ismael Neto. Com o falecimento deste, assumiu a liderança o maestro Severino Filho. O grupo teve uma

pausa entre 1966 e 1987, para depois voltar com força total, gravando grandes discos, enaltecendo a Bossa Nova e servindo de paradigma do melhor de nossa arte, inclusive se tornando o grupo vocal há mais tempo em atividade no mundo. Neil entrou para Os Cariocas em 1995 e continuou nele até o fim, decretado pela passagem do Maestro Severino em 2016. Com Elói, que já vinha de longa entrada em Os Cariocas e Fábio, mais recentemente incorporado ao grupo, a base foi mantida e com a chegada de Leandro, surgiu o Quarteto do Rio. De diferente só tem o nome, está tudo direitinho por lá: o bom gosto, as harmonias vocais, os arranjos espetaculares, um patrimônio da Cidade Maravilhosa. Não era necessário dizer, mas tenho uns quinze CDs deles.

Fã dos Cariocas, um belo dia falei com Neil pela internet e, por ele ser um tricolorzaço, acabamos nos aproximando, até que há dois anos lancei o livro “2014 – O espírito da Copa”, que é uma narrativa de ponta a ponta sobre o Mundial do Brasil – ou dos 7 a 1, como queiram. Gentilmente, Neil colaborou com o livro, fazendo uma de suas crônicas mais emocionantes: ele estava no Mineirão ao lado de seu filho quando o Brasil sofreu a

retumbante goleada da Alemanha. De lá pra cá, nosso assunto é mais do que invariavelmente Fluminense: ele, tal como eu, está sempre nas partidas de todas as fases, nas boas e nas tremendas furadas.

Voltando ao bar: traçávamos os bolinhos e falávamos de Fluminense, além de algumas coisas sobre o Brasil e seu caos em tempos de golpismo e ditadura judiciária. Aí surgiu alguma coisa de falarmos de outros tricolores e ele comentou que, no Quarteto do Rio, tanto Leandro Freixo quanto Elói Vicente são tricolores. Dei um pulo: ora, a banda que sou *super fan* tem 75% do seu *casting* com as três cores sagradas da vitória. Mais do que isso: herdeiros diretos da tradição de um dos maiores grupos vocais do mundo! É a honra das honras, meus amigos! Vou fazer de tudo para que o amigo escale a banda e, claro, grave o hino do Fluminense, porque todo mundo que gosta de boa música neste país merece ouvir as vozes impecáveis do Quarteto a serviço dos melhores versos de Lamartine Babo.

Mais chopes, mais música e aí caio para trás quando Neil me conta que Maurício Maestro, Lourenço Baeta e David Tygel são tricolores. Os três pertencem à linhagem do Boca Livre, outro orgulho da nossa música popular, com mais de 40

anos de estrada. O Boca é o nosso Crosby, Stills, Nash & Young, sem sombra de dúvidas. Em 1979, lançaram seu primeiro LP, de forma independente, e conseguiram a estupenda marca de cem mil cópias vendidas, consagrando-se imediatamente. Desde então, entre idas e vindas, mais algumas trocas de integrantes, o grupo permanece entre os mais respeitados da MPB com seus fantásticos vocais apoiados pelo som *folk*. David está sempre nos jogos, disfarçado com um boné, e é um grande compositor de música para cinema, tendo atuado musicalmente em mais de 30 filmes. Bem antes disso tudo, David e Maurício, ainda muito jovens, formaram o conjunto Momento 4, ao lado de Ricardo Villas e Zé Rodrix. Eles estiveram presentes em um dos maiores momentos da história da MPB, quando então acompanharam Edu Lobo na demolidora interpretação de “Ponteio” no Festival da Rede Record em 1967, também com a cantora Marília Medalha e o devastador Quarteto Novo, talvez a maior formação da história da música instrumental do Brasil em todos os tempos: Théo de Barros, Aírto Moreira, Heraldo do Monte e o demolidor tricolor Hermeto Pascoal. Que elenco!

Normalmente esbarramos com Dado Villa-Lobos, Fausto Fawcett e Toni

Platão na torcida do Fluminense. Muito antes de ser amigo, eu já vi o Neil trocentas vezes no Maracanã e no Engenhão, e agora fico sabendo que também temos Elói Vicente, Leandro Freixo, Lourenço Baeta, David Tygel e Maurício Maestro. Que me perdoem os rivais, mas não dá nem para o primeiro set: nosso time é chapa quente, desde os tempos da inesquecível Jovem Flu com Chico Buarque, Ronaldo Bôscoli, Hugo Carvana, Elis Regina e grande elenco.

E olhe que nem ousei falar do Hermeto.

## GARAGE ROCK FLU – FÁBIO COSTA

2017

*Especialmente convidado a colaborar com o terceiro volume de “Roda Viva”, Dinho Gonçalves é uma das lendas da arquibancada tricolor. E aqui conta a história de outro torcedor nosso, que fez história na noite underground do Rio de Janeiro.*



Só quem conviveu com esse cara sabe a saudade que ele deixou... o legado que ele construiu e o quanto ele era foda.

Fábio Costa, um dos maiores responsáveis pela história do underground

carioca, ou “Metaleiro” para os tricolores, um torcedor ferrenho, apaixonado pela torcida Young Flu e pelo time do Fluminense.

Ele dedicou boa parte de sua vida à cena do metal carioca, ao criar junto com Paulo “Hans” Jr. mais que um lugar, uma lenda: o Garage Art Cult, que funcionava num antigo casarão na Rua Ceará, uma casa - ou A CASA - de shows do Rio de Janeiro, vizinha à Praça da Bandeira e à mitológica Vila Mimosa. O Garage foi um espaço que abriu espaço para diversas bandas iniciarem sua história no cenário da música independente carioca. Para muitos, a casa chegava a ser sombria, pois Fábio pintava o interior dela todo de preto: um show poderia acontecer às dez horas da manhã que, para os frequentadores, seria noite profunda.

Em um palco construído pelas próprias mãos do Fábio, subiram pela primeira vez, ou com passos iniciantes, bandas como Ratos de Porão, Matanza, Gangrena Gasosa e Planet Hemp.

Fábio chegava a ceder o Garage para moradia, como aconteceu com Marcelo D2, conforme relatado no livro “Esporro”, de Leonardo Panço: “muito pouco (ou quase nada) teria acontecido

sem o clube escuro e quente da Rua Ceará, na Praça da Bandeira, perto do Centro do Rio. (...) A importância do Garage no cenário foi tanta que, quando Marcelo D2 marcou o primeiro show do Planet Hemp por lá, o grupo nem existia.

Guerreiro e idealista, não há como esquecer o quanto ele se dedicava ao Garage, o quanto curtia cada banda nova que entrava lá. Se hoje o show seria de Black Metal, amanhã poderia ser Piu Piu e sua Banda, Gangrena Gasosa e outros clássicos alternativos. Fábio não se desviava do caminho, vide as críticas pesadas que fazia a qualquer um que lhe pedisse determinadas concessões na programação ou no espaço do Garage, caso ele não concordasse. Lembro de quantas vezes eu ia com meu carro na Rodoviária Novo Rio buscar bandas para tocar no Garage. Trabalhar naquela portaria já era tão surreal quanto tudo que ele proporcionava naquela casa de shows.

Fluminense Futebol Clube, esta era a outra paixão do Fábio. Como loucos, movidos pela paixão ao nosso amado Tricolor, acompanhávamos o Fluminense pelos estádios Brasil afora. Assim como aconteceu comigo, o irmão via na Torcida Young Flu a representação de tudo que sentíamos. Aqueles torcedores que não

mediam esforços para acompanhar, torcer e, de alguma maneira, poder contribuir para uma torcida vibrante na arquibancada.

Lamentavelmente a vida às vezes nos prega algumas peças e nosso amigo começou também uma luta em sua vida particular. Era preciso mais do que esforço. Era preciso lutar contra o diabetes.

Lembro do último jogo em que ele esteve presente na arquibancada. Após relativa recuperação e a saída do hospital, Fábio havia amputado parte de um pé e também tinha perdido praticamente toda a visão, então passei o jogo ao lado dele narrando os lances para que só sentisse a vibração da torcida, mas tivesse o entendimento do que estava acontecendo.

Naquele dia eu entendi mais ainda o que era aquele sentimento. Não era só uma questão de assistir o Fluminense jogar, mas de sentir o coração batendo pelo Tricolor.

Porém, o maldito diabetes, associado a problemas cardíacos e renais, o fez retornar ao hospital. Ficou meses hospitalizado por conta destes males e

também de uma calcinose cutânea. E veio a passagem.

Com seu jeito irreverente e opiniões fortes, Fábio deixou os bangers cariocas, assim como os tricolores que o conhecerem com muitas saudades.

Um abraço no seu coração, amigo Fábio! Até um dia.

## NÃO VULGARIZEM O FLA-FLU

2016

Era coisa séria demais. Quando comecei a vivenciá-lo ao vivo, em 1978, ele exigia uma concentração mental enorme de todos nós, torcedores. Estreei levando uma goleada num domingo triste de chuva; um ano depois, veio o troco incontestável no fantástico 3 a 0 com Zico perdendo pênalti e o diabo. Pelos sete ou oito anos seguintes, muitas vezes com o ex-Maracanã abarrotado, em poucas com pouca gente. Ganhamos demais, perdemos, levamos vantagem porque Assis foi o rei dos reis: mais de trinta anos depois, ninguém igualou seu feito de alijar um grande rival da conquista de dois títulos consecutivos – e com que gols! Edinho e Rubens corriam feito loucos, o Zezé era um azogue, Paulo Goulart pegava todos os pênaltis e o pó de arroz era uma nuvem de espessa massa branca, pintando o concreto cinza de toda a nossa arquibancada.

Lá por 1986, por mais de um motivo, começou a complicar. Não por coincidência, era a apoteose do Caixa D'Água, um dos mais abomináveis cartolas do futebol brasileiro. Botaram o Fla-Flu

numa segunda-feira à noite, entramos garfados em campo pela perda de cinco pontos no tapetão, a torcida foi enganada e compareceu. Então o maior clássico do futebol brasileiro – e do mundo - passou a deixar ocasionalmente seu habitat natural para ocupar outras praças mais modestas, tais como Caio Martins e Ítalo Del Cima (hoje, criminosamente às traças).

Ok, em 1984 disputamos um decisivo no sábado à noite. Às vezes acontecia.

No exótico Rio-São Paulo de 1993, Fla-Flu na quarta-feira à tarde. Era mesmo para ninguém ir. Ganhamos por 3 a 2. Rá!

O mundo mudou, o futebol também, ambos nem sempre para melhor, inventaram que a onda era a TV e que arquibancada tinha que ser de elite. Adeus, geral. Com as sucessivas amputações até a destruição final, o Maracanã sofreu um longo processo de decomposição covarde. Nunca mais tivemos um Fla-Flu para cem mil pessoas, depois para noventa, depois para oitenta, setenta, sessenta e os últimos mais importantes foram os do Brasileirão de 2012 no Engenhão, coisa de trinta mil. Virou também um atrativo de botequins,

bastando uma boa televisão. Não há novidade alguma em colocá-lo em Brasília, Volta Redonda ou na Ilha: é só pesquisar no Google e tirar as conclusões. Há quem diga que o último, último mesmo, de fazer a alma tremer, foi o do gol de barriga. Não pode ser assim; ao menos, não deveria.

Com as imposições da “praça paulista”, nunca mais domingos às cinco da tarde. No máximo quatro ou essa coisa medonha de seis e meia, sete da noite.

Não entro no mérito da carga de ingressos, essa história de 90 por 10, rifar o mando de campo. Acho isso tudo cansativo demais: é coisa para as *gestonetes* e *marionetes* do Twitter. Sai fora, caipora! O que sei é que, para os cinquentões de hoje, ou os que já se avizinham feito eu, o Fla-Flu era sério demais, bonito demais e importante demais para passar por tanta vulgarização.

No mês anterior, você sabia que seria num domingo, às cinco da tarde, com duas multidões berrando desde a maravilhosa preliminar das três. Podia ter banda de música, urubu em campo, quase estreia da Fla-Gay, Zezé Gomes contra Zico no velho e querido placar de lâmpadas, bandeirões por toda parte, eles

berravam demais e nós respondíamos à altura. Hoje, com toda a modernidade, os focos, as gestões, o “norráu” e o “biuzinêsse”, o clássico foi cogitado em três ou quatro lugares diferentes. Não fica bem nem para o respeitoso certame do Aterro – onde, aliás, sempre se sabe onde vai se jogar. Mesmo esse Maracanã 2016 triste, gelado e *gourmetizado* caía bem por ora, mas o maldito buracão no meio, ou o contrato ou o diabo não permitem. Nunca sabemos direito.

Se existe um bom motivo para a necessidade de uma completa reformulação no futebol brasileiro em todos os aspectos, esse caso do Fla-Flu 2016 é, no mínimo, um excelente prefácio do livro. Se ficar exagerado, uma orelha da capa serve. Na outra, ponham os clássicos de uma torcida só em São Paulo. Desgraça pura.

## SEU CHICO

2010-2017

*Especialmente convidados, o escritor Eric Costa junto com Jefferson Dutra e Cristiano Manoel, prestam uma justa homenagem a uma das legendas da FluCaicó, um dos principais postos avançados da torcida tricolor fora do Rio de Janeiro. Seu Chico nos deixou há alguns dias. Dedicou sua vida à paixão pelo Fluminense, a milhares de quilômetros das Laranjeiras.*

Quarta-feira. 21:00.

Em pleno meio de semana, reunia-se no interior do sertão potiguar um imperecível grupo de amigos. Diante de um televisor, montava-se quase uma embaixada do Engenhão em terras distantes. Sob ansiedade, unhas roídas e a luta por um sonho, a FluCaicó estava mais uma vez reunida em torno do pavilhão tricolor. O adversário? O Santos, do ainda pouco conhecido Neymar.

Com passos curtos, aproximava-se da nossa mesa Seu Chico. De sorriso largo, emanava de si uma fé inabalável em uma vitória que daria um ânimo a mais

para o Fluminense após um melancólico empate com o Grêmio Barueri na rodada anterior.

Seu Chico como de costume sentava-se por trás de Rômulo e Antônio. Ficava fazendo figa o tempo todo e em algumas vezes nos surpreendendo com seus bordões que nos marcaram muito.

Naquele seis de outubro, porém, Sobrenatural de Almeida bailava sobre o Gravatinha. O Fluminense estava em uma noite bastante infeliz. Pouco adiantava. Seu Chico estava lá, firme e forte. Inquebrantável, acreditava em cada novo ataque e fazendo figa sempre que a bola chegava próximo da nossa zaga com Gum e Euzébio.

Seu Chico acreditava muito na figa.

Não adiantou muito. Zé Love abriu o placar para o Santos em uma jogada totalmente despreziosa. Por sua vez, o Fluminense não reagia. Depois de um chutão da zaga santista, Zé Love marcava o segundo gol. A FluCaicó atônica e sem acreditar já esboçava suas reações.

Assis Alfa bradava:

- Essa zaga é uma mãe. Um bando de pele de ovo.

Seu Chico intransponível. Parado. Rezando, fazendo suas figas e tentando uma conexão com os deuses do futebol para que o sobrenatural acontecesse... Zé Love, aos 42 minutos do segundo tempo marcava seu terceiro gol.

A partir daí estaríamos próximos de viver uma das mais incríveis histórias da FluCaicó. Com todo seu amor ao Fluminense e sua fé inabalável Seu Chico faria em segundos alguns comentários que até hoje custamos a acreditar. Ele se virou, olhou para Jefferson e Cristiano e disse em alto em bom som, para não deixar dúvidas.

- Vocês são uns meninos! Ainda dá!

Atônitos, e olhando entre si tamanha a ousadia da tal afirmação, um dos descrentes pergunta: “Dá pra que, Seu Chico?”. A resposta, ainda mais surpreendente: “Pra virar”, óbvio.

O Fluminense estava perdendo feio, a torcida já se preparava para ir embora do Engenhão, mas Seu Chico permanecia confiante.

Os quase dois mil e trezentos quilômetros não diminuíram em nada sua

confiança em uma virada improvável que até hoje, apenas ele acreditou.

E quiçá ainda o faça, mesmo diante dos placares mais improváveis, com dedos cruzados ao lado de Nelson, Ézio, Gravatinha e os demais ectoplasmas tricolores.

## QUANDO A AMÉRICA FOI NOSSA

2008/2015

Em 2008, o futebol brasileiro realizou a maior festa de sua história num estádio, que não foi sequer igualada pelas partidas da Copa do Mundo de 2014.

Era o Fluminense em campo, em desvantagem, lutando pelo título da Copa Libertadores da América, que acabou não vindo no Maracanã.

Em geral, os torcedores de futebol tendem a demonizar tudo que não seja título. Aqui expresso minha modesta condição de membro da exceção.

Afinal, como deixar de lado a lembrança de um ano em que tiramos do caminho os multicampeões São Paulo e Boca Juniors? As partidas fenomenais. A imponente goleada de 6 a 0 sobre o Arsenal – a maior da história da competição entre times do Brasil e da Argentina. Golaços de Dodô, Washington e Conca durante o certame.

Foram momentos mágicos que não culminaram num final feliz. Entretanto, é injusto que sejam apagados.

Se a Libertadores não veio para o Fluminense, um completo azar dela. Um dia virá. E será um título muito comemorado, mas apenas mais um dentre os inúmeros que o clube já dispõe.

Desde aquele dia do insucesso nos tiros penais, desafiamos o impossível, fomos à lona, nos recuperamos, ganhamos grandes títulos, afirmamos nosso nome no continente e estamos aí. A atual tabela do campeonato não nos deixa mentir.

Títulos e conquistas são praxe em todos os grandes times brasileiros. O Fluminense não fica atrás de nenhum deles. A coisa muda de figura quando conseguimos ser gigantes demais mesmo quando o triunfo não vem. As derrotas e lutas de 2008 e 2009 explicam muito de 2010 e 2012.

Vergonha não é ser vice-campeão internacional numa disputa de pênaltis, mas sim subornar para se salvar em qualquer campeonato.

Fazer a história é bem mais do que “apenas” ser campeão, com toda a contradição possível.

É natural que alguns adversários vibrem com a conquista da LDU. Perto do

que fizemos de 2008 para cá, se eles tentassem argumentar seriam ridicularizados.

Naquele dia da final, o Tricolor não foi o campeão da América. Mas não precisou disso para ser o mais amado, o mais vibrante, o idolatrado, o exemplo supremo da tradição de nosso melhor futebol.

Conseguiu a façanha de sair vitorioso sem o título.

E assim tem continuado em sua longa jornada a desafiar definições, paradigmas, preconceitos e vulgares manchetes - putrefatas de tão manipuladas. É cômodo e simples ser gigante nas vitórias. O difícil é ser monumental nas derrotas.

Ou “O Fluminense não nasceu para ser unanimidade nem massa de manobra do interesse demagógico das elites opressoras. O Fluminense nasceu para atravessar a harmonia do bloco dos contentes. Nasceu para incomodar o senso comum. Essa é a nossa sina”.

Quem sabe?

## QUEM SE LEMBRA?

2012

Agora somos um céu. Tudo é festa, felizmente. Em poucos anos, o Fluminense recobrou o gigantismo de sempre é isso é que impõe fel aos textos de jornais. O Tricolor é o rei de 2012.

Somos vocacionados para a conquista. O Fluminense nasceu no berço esplêndido das vitórias, todas temperadas com o rigor da dramaturgia. Pois bem, ganhamos este ano de forma diferente. Não que tenha sido fácil, nunca o é, mas a carga dramática foi bastante atenuada pela força que o Fluminense demonstrou nas finais do campeonato estadual e em todo o brasileiro, sobrando no terço derradeiro desta competição.

Ontem, já em clima de fim de festa, conversei com nosso companheiro de site Luiz Couceiro pelo telefone. Entre tantas coisas engraçadas, recordamos os tempos do futebol de praia em Copacabana há uns vinte anos, o cenário político-econômico daqueles tempos e, de forma inevitável, o futebol tricolor surgiu.

Eram tempos bastante difíceis. O Fluminense era desacostumado a qualquer jejum de títulos. A bola começou a bater na trave, 1986, 1987. Copa União de 1988, o inesquecível jogo contra o Vasco (3 a 2), depois caímos na Fonte Nova pelas semifinais. E tome 1989, 1990, outra semifinal de campeonato brasileiro em 1991, outra perda, fomos trapaceados na final do estadual também, Copa do Brasil de 1992 idem. Isso durou até o maior gol de todos os tempos no centenário de 1995. Foi uma época que nos marcou talvez por certa negatividade, mas também por ser diferente de tudo o que vivemos e soubemos antes: o Fluminense sem títulos? Vejam, não foi o caso de ficar fora da disputa – perdemos várias chances, montamos times mais brigadores, menos técnicos, mas que lutaram por títulos assim mesmo, embora sem sucesso.

Mas quem disse que o torcedor é torcedor apenas nas vitórias? Apesar de reconhecida – e amplamente dissecada por Caldeira -, a chamada “tricolebagem” não nasce no vente dos tricolores.

Ao nos lembrarmos daqueles tempos escassos, rimos muito. A memória afetiva não foi apagada porque não fomos campeões.

Macalé? Macula? Eram bons. E só.

Bobô tinha classe, Caetano soube fazer os versos.

O Zanata na lateral-direita com um aplique nos cabelos de Tina Turner.

Zagueiros? Luiz Eduardo, Luiz Fernando, Mazola, Luiz Marcelo (que fez gol de cabeça em Fla-Flu), Mazola.

E Paulo Apito na lateral-esquerda? Contra o maldito Atlético Paranaense, ele mesmo “apitou” (assobio), os rubro-negros pararam, ele ajeitou a bola com a mão e cobrou uma falta.

Dacroce de volante, Ribamar como coordenador de jogadas. João Carlos, Helio “Maluco” (pai do Bernardo, que deve voltar para o Vasco) e Rinaldo (que cobrou a falta na seleção depois de Pelé ter ajeitado a bola...).

Serginho, Pires, Dudu, Chiquinho, Cícero (tido como o “novo Falcão”, por ser lourinho e catarinense). Edvaldo Negão na ponta-esquerda, que conseguiu chutar o chão num cruzamento contra o Vasco e se machucou sozinho.

Em 1993, sofremos com o miolo de zaga formado por Júnior Mineiro e Andrei.

Nei era ótimo goleiro, não foi valorizado à altura. Antes, numa chuvarada e com direito a muitos tiros (de revólver) no Maracanã, Julinho fez dois gols de falta contra o Botafogo. Jerry veio do Cruzeiro e poderia ter ido melhor. Mais do que antes, quando parecia ser vacas-magras, tínhamos um luxo em 1991: Valber e Torres, este sim um miolo fantástico.

Antes, Carlos André era o homem de ferro na lateral-direita. A garotada prometia: João Santos, Alberto, Franklin, Gama, Zé Maria (presente e decisivo naquele jogo que comentei contra o Vasco, Copa União 1988).

Será que Rau tinha futuro como zagueiro-central? Se Ricardo Pinto tivesse sido poupado depois da desgraça em 1993, será que a tragédia de 1996 não aconteceria? É um mistério.

Por que nunca mais valorizamos gente nossa como Sérgio Cosme, Ismael Kurtz, Sebastião Araújo?

O garoto Alexandre entrou em campo no Fla-Flu, recebeu o cruzamento errado de Zé Teodoro, cabeceou firme, garantiu nossa vitória de virada e nunca mais jogou. Por onde está?

Eu e Luiz conversando sobre o passado. A história não é feita somente de glórias, ainda que tenhamos muitas a granel. Na verdade, a história é feita de vida.

Quando pensamos naqueles que passaram e nem sempre foram felizes com nossa camisa, não estamos tributando o Fluminense em si, mas sim à vida. Os nove anos entre a vitória contra o Bangu e o centenário imortal não foram os da supremacia do Fluminense, mas como fomos felizes – mesmo sem grandes títulos. É que soubemos viver as arquibancadas mais do que nunca.

Cantar e gritar é fácil nas vitórias, nos grandes momentos como este agora em que vivemos. Só não está feliz quem é louco.

Naqueles tempos, amigo, para gritar não bastava ser feliz. Era preciso ser tricolor nas entranhas.

Por ora, um brinde ao monumental tetracampeonato e às vacas gordíssimas.

## CANTORIA

2016

“ok, rapaz, o fluminense venceu! não importam os resultados, os títulos, as incríveis voltas olímpicas, o choro, o drama, a paixão, a infinidade suprema de sentimentos apoteóticos e valorosos. sua maior vitória é o amor. espalhar amor pelos corações de milhões de pessoas há mais de um século. a fé no fluminense é o amor que nos ajuda a viver, começar de novo e permanecer em sonho. é o berço esplêndido, a ribalta, a predileção, o beijo da mulher amada. é a compaixão, a doçura latente, a fraternidade, a camaradagem. recordem o nosso hino, que fala de esperança, harmonia e amor – quem tem estas sementes em seus versos não há de coadunar com o ódio. o fluminense é o algoz da cólera. o fluminense LIBERTA, LIBERTA, LIBERTA!”



## SOBRE O AUTOR

Paulo-Roberto Andel é um dos escritores mais publicados na história bibliográfica do Fluminense – a mais extensa da América do Sul -, até aqui com doze livros, dentre eles “Do inferno ao céu: a história de um time de guerreiros”, “Pagar o quê: respostas à maior bravata da história do futebol brasileiro”, “O Fluminense que eu vivi”, “O Fluminense na estrada” e outros. Por conta de seus esforços literários, recebeu a diplomação simbólica de Tricolor Ilustre em sessão solene do Conselho Deliberativo do Fluminense em 21 de julho de 2014. Também é coautor de “2014: o espírito da Copa”, além de autor dos dois volumes de “Cenas do Centro do Rio”.

Escreve regularmente no blog *otraspalabras!*, sobre literatura e poesia, além de ser editor do blog *Panorama Tricolor*, uma das referências de literatura de futebol do clube e do Brasil, cuja produção coletiva já ultrapassou o total de 10.000 páginas e 8.000.000 de visitas.

VILA  
FLUMINENSE



*Este livro foi produzido entre os dias 27 de novembro e 06 de dezembro de 2017, com fonte Bookman Old Style. A versão eletrônica teve sua primeira edição distribuída gratuitamente, visando chegar aos tricolores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição. Agora o livro ganha sua versão física para a Sala de Leitura do Fluminense, inaugurada no clube.*

*Paulo agradece a Dinho Gonçalves, Eric Costa, Jefferson Dutra e Cristiano Manoel pela colaboração nesta obra.*